

PRÓ-LER:

A conquista dos leitores gaúchos

José Marques de Melo

Universidade de São Paulo

O público leitor dos jornais diários no Brasil tem se mostrado estacionário, registrando tendências conjunturais de regressão. O patamar mais elevado verificou-se na década de 50. Hoje, o panorama permanece imutável, depois de reconquistada a fatia da população que, durante os anos do regime militar, mostrou-se refratária ao contato com a imprensa cotidiana.

Durante muito tempo, essa questão pareceu não preocupar os proprietários das empresas jornalísticas, mais interessados em garantir a veiculação publicitária do que em preservar os seus leitores. Recentemente, alguns jornais começaram a investir na reprodução/ampliação do seu público leitor, patrocinando projetos destinados a subsidiar atividades educativas. No Rio de Janeiro, o "Jornal do Brasil" criou um departamento especializado em treinar professores da rede escolar para fazer uso do seu material jornalístico em sala de aula. A iniciativa foi seguida por "O Globo", que também tratou de atingir as novas gerações, através das portas da escola.

No Rio Grande do Sul, a arrancada para conquistar novos leitores coube à Rede Brasil Sul. Para comemorar o vigésimo aniversário do seu principal veículo impresso, lançou o projeto *Zero Hora na Sala de Aula*. Desde 1980, a empresa mantém uma equipe que coordena o uso do jornal ZH, hoje o único diário de informação geral que circula em Porto Alegre, pelos professores de comunicação e expressão, ciências e estudos sociais nas escolas de 1º e 2º graus.

Há três anos, o Grupo Editorial Vale dos Sinos, sediado em Novo Hamburgo, vem patrocinando o projeto PRÓ-LER, também destinado a conquistar novos leitores. Trata-se de uma campanha, coordenada pelo Prof. Roberto Porto Simões, envolvendo atualmente 122 escolas, 420 turmas, 10.400 alunos e contando com a adesão de 210 professores, em 5 municípios (Novo Hamburgo, Campo Bom, Sapiranga, São Leopoldo e Sapucaia).

O PRÓ-LER foi concebido em 1975 pelo Prof. Roberto Simões a partir de sua experiência docente no Colégio Militar de Porto Alegre. Responsável pela disciplina EPB (Estudo de Problemas Brasileiros), tomou a iniciativa de sugerir aos seus alunos a leitura diária de jornais como motivação para o desenvolvimento dos conteúdos temáticos contidos no programa. Encontrando boa receptividade e constatando que o rendimento didático aumentava, procurou sistematizar a experiência, ampliando-a para outras disciplinas do currículo escolar.

O Grupo Editorial Vale dos Sinos, que mantém os principais veículos do interior gaúcho — os jornais diários NH e “Vale dos Sinos” — tomou conhecimento do projeto e decidiu implantá-lo em Novo Hamburgo, contraindo uma equipe constituída pelo seu criador e duas assistentes pedagógicas, e obtendo o apoio da Secretaria Municipal de Educação. A experiência se desenvolve na região desde 1982.

I — METODOLOGIA

Roberto Simões define o PRÓ-LER como “uma técnica especial de utilização sistemática dos conteúdos de jornais em aulas de 1º grau”. Está orientada para as disciplinas que trabalham com a *linguagem* (comunicação e expressão) e com a *sociedade* (educação moral e cívica, organização social e política do Brasil, estudos sociais).

Explicitamente, o projeto pretende atingir os seguintes objetivos: 1) Levar o aluno ao conhecimento dos fatos sociais, culturais, políticos e econômicos da região e/ou do município; 2) desenvolver a habilidade de leitura, expressão e desinibição, comunicação e senso crítico dos alunos, assim como a capacidade de síntese; 3) habituar os alunos à leitura de jornais, revistas e livros; 4) frequentar a biblioteca; 5) aproximar os alunos de seus pais; 6) desenvolver o potencial produtivo da comunidade.

Como funciona o PRÓ-LER? Professores anteriormente treinados pela equipe pedagógica motivam seus alunos a buscar nos jornais notícias referentes aos assuntos tratados em aula. Aos alunos que não possuem jornais em casa (geralmente localizados nas escolas da periferia), o Grupo Editorial Vale dos Sinos põe à disposição os exemplares resultantes do “encalhe” diário (jornais não vendidos e recolhidos pela empresa nas bancas). A pesquisa se desenvolve durante um determinado período (quase sempre uma semana), findo o qual a professora convida as equipes ou duplas a apresentarem oralmente perante a classe o resultado das observações feitas nos jornais. Trata-se de uma exposição verbal das notícias lidas e resumidas e não da exibição dos recortes acumulados no período. A intervenção da professora se faz através da crítica do trabalho do grupo (o *Manual* do PRÓ-LER recomenda que “o professor deve abster-se de dar suas próprias opiniões sobre os conceitos ou querer colocar sua ideologia”) e da aferição final do aproveitamento, atribuindo notas.

Cria-se portanto uma situação competitiva, induzindo as equipes a buscarem um melhor desempenho. A recompensa é a nota dada pela professora.

A justificação pedagógica do processo é formulada por Roberto Simões nos termos que seguem:

“1. O aluno aprende por si próprio. O professor é, essencialmente, administrador da técnica. 2. A aprendizagem se dá em razão intrínseca do processo que se aprofunda em cada sessão, ao pesquisar as notícias, ao identificá-las no meio de tantas outras, ao lê-las e interpretá-las, ao colocá-las em seu próprio estilo literário, ao apresentá-las verbalmente, sem decorá-las, ao receber o *feedback* dos colegas que encontraram outras notícias sobre seu assunto e poder compará-las com as suas, ao ter que descobrir a essência das notícias ao fazer a síntese, ao receber *feedback* do professor naquilo que o mesmo julgou importante ao observar, deduzir e inferir. 3. A aprendizagem se dá em razão também do conteúdo do trabalho, que são fatos do dia-a-dia da sociedade que ocorrem em torno dos alunos. É um assunto no qual estão inseridos, entretanto, não haviam refletido sistematicamente sobre os mesmos”.

Quais as consequências imediatamente perceptíveis? O que ganha o aluno ao participar da experiência? A resposta dada pela equipe do PRÓ-LER inclui as seguintes vantagens: a) Ao aprender a pesquisar nos jornais, o aluno se tornará um cidadão qualificado para analisar os fatos. b) Ao participar repetidamente das sessões, o aluno adquire o hábito da leitura do jornal. c) Fica verdadeiramente alfabetizado, pois ultrapassa a mera decodificação do texto, sabendo interpretá-lo e reescrevê-lo no seu próprio estilo. d) Adquire o senso crítico, através do exercício de síntese, pelo qual deve ir do particular ao geral e daí tirar a essência dos fatos. e) Torna-se desinibido, deixando de ser apenas um ouvinte e passando a atuar também como interlocutor. f) Vivencia o cotidiano, através dos fatos lidos e interpretados, distanciando-se assim do conhecimento teórico que se encontra nos livros-textos.

II — RESULTADOS

A experiência do PRÓ-LER ainda é muito curta para ensejar uma avaliação criteriosa. São apenas três anos de atividades, que não repercutiram efetivamente na criação do hábito permanente de leitura. A equipe dirigente estima que 50% dos alunos envolvidos tornaram-se leitores de jornais, depois de participar do projeto. Mas nada garante que continuarão lendo jornais quando saírem da escola.

É bem verdade que o Departamento de Circulação do Grupo Editorial Vale dos Sinos constata a influência do projeto na conquista de novos assinantes, especialmente nas áreas periféricas de Novo Hamburgo. A campanha de assinaturas do jornal NH revela a incorporação de famílias que entraram em contato com aquele diário por intermédio dos filhos matriculados em escolas onde se desenvolve o projeto de utilização da leitura de jornais na sala de aula. A criação da necessidade de ler jornal é motivada pelo uso pedagógico que os adolescentes fazem do NH, acabando por convencer os pais a também se tornarem leitores regulares.

Aliás, esta é uma das estratégias contempladas pelo PRÓ-LER. Pois a pesquisa do noticiário em casa pressupõe a participação e o auxílio dos pais, que orientam os filhos na procura de informações sobre os temas prescritos pela escola e os ajudam a sintetizar e interpretar os fatos noticiados. Desta maneira, a consulta ao jornal, para atender à demanda escolar, certamente influi no contato mais freqüente com o veículo, até mesmo para possibilitar aos pais um melhor desempenho no atendimento às solicitações dos filhos. Resta saber se esse mecanismo determinará o interesse constante pela leitura de jornais. Mas, isso só o tempo vai indicar.

O Grupo Editorial Vale dos Sinos confia na eficácia da campanha e não apenas continua subsidiando o projeto de leitura na escola, mas tem investido na modernização da infraestrutura produtiva, atualizando a tecnologia gráfica e automatizando o processo editorial. Trata-se da primeira empresa interiorana a introduzir computadores na redação dos seus jornais e revistas, o que a coloca em pé de igualdade com as organizações jornalísticas das grandes cidades do país, onde as novas tecnologias começam a penetrar e a transformar as relações de trabalho entre os jornalistas e seus dirigentes editoriais.

O entusiasmo pela iniciativa de formar novos contingentes de leitores também contagia os educadores da região. Tive a chance de presenciar o Encontro do PRÓ-LER/85, realizado no Centro de Cultura de Novo Hamburgo, no dia 5/12/85, e ouvi depoimentos que atestam a boa aceitação do projeto. O secretário de Educação daquele município tem dado apoio de-

cisivo ao programa e tributa ao seu desenvolvimento a perspectiva de forjar cidadãos comprometidos com os destinos da comunidade, justamente pelo domínio da informação que passam a ter. Também as professoras envolvidas na utilização da técnica de incentivo à leitura testemunham a significação do PRÓ-LER como elemento dinamizador da vida escolar em Novo Hamburgo e nos municípios vizinhos.

Dois circunstâncias indicam claramente a repercussão do projeto na estrutura educacional do interior gaúcho. Primeiro, as professoras, inicialmente céticas em relação ao uso do jornal na sala de aula, aderem cada vez mais espontaneamente à sua utilização e se tornam, elas mesmas, leitoras interessadas dos acontecimentos regionais e nacionais, fazendo melhores o seu desempenho didático. Segundo, os próprios alunos passam a cobrar dos seus novos professores, quando promovidos de uma série para outra, a vinculação ao PRÓ-LER, o que motiva a participação desses docentes nos seminários de treinamento patrocinados pelo Grupo Editorial Vale dos Sinos e a consequente adesão à iniciativa.

A cada ano, novas escolas e novos municípios se incorporam ao trabalho capitaneado por Roberto Simões. E sintomaticamente, as professoras começam a apresentar alternativas metodológicas ao uso do jornal no currículo escolar, o que vem sendo resgatado pela equipe dirigente e registrado como inovação ao método originalmente concebido em Porto Alegre.

Na verdade, o sucesso do PRÓ-LER deve-se em grande parte ao fato de não ser um método fechado e possibilitar a participação criativa dos docentes que o utilizam. Trata-se menos de uma técnica pedagógica articulada com os programas formais de ensino do que de um processo de animação cultural desencadeado pelos conteúdos curriculares e projetados na vida comunitária, valendo-se, para tanto, do referencial registrado nas páginas do jornal local. Desta maneira, cada novo participante pode inovar metodologicamente, adaptando o uso do jornal às características da turma e da comunidade e permitindo ao educador incorporar suas próprias experiências. Na conversa que mantive com algumas professoras, tive a sensação de que essa abertura as motiva grandemente a continuar participando do projeto e divulgá-lo favoravelmente junto a suas colegas de outras escolas e regiões. Ao facilitar a inovação e permitir a criatividade, o PRÓ-LER contrapõe-se positivamente à engrenagem didática cultivada pela escola, onde tudo está prescrito e determinado de fora (ou seja, dos órgãos centrais de decisão educacional: MEC, Secretarias de Educação).

Um fator que me chamou a atenção no contato com docentes e discentes que desenvolvem o PRÓ-LER foi o domínio da expressão verbal oral e a capacidade de manejar informações do cotidiano. Os alunos mostram-se completamente desinibidos e falam em público sem qualquer indecisão ou imprecisão lingüística. Os professores mostram-se mais seguros e revelam um domínio da contemporaneidade que os habilita a intervir desembaracadamente no debate sobre as questões da conjuntura local e nacional. A tal ponto verifica-se esse desempenho que alguns deles começam a descobrir as lacunas informativas da imprensa diária com a qual trabalham e suscitam esclarecimentos e complementações que os jornais nem sempre documentam.

Ao identificar tal variável, sugeri ao Prof. Roberto Simões e seus colaboradores mais diretos que acrescentem ao PRÓ-LER a dimensão que o tornará não apenas o instrumento para a conquista de leitores, mas fará dele a alavanca para o despertar do leitor crítico, participativo. Propus que os educadores registrem permanentemente essas lacunas informativas e deem conhecimento das mesmas aos editores do jornal com que trabalham, contribuindo assim para melhorar a qualidade do produto jornalístico veiculado cotidianamente.

Naturalmente as observações aqui registradas sobre o PRÓ-LER não podem ser tomadas como uma avaliação do projeto. O meu contato foi rápido e não incluiu o acompanhamento de experiências concretas nas escolas. Limitei-me a ouvir os depoimentos dos professores participantes e a discutir suas implicações com a equipe responsável. Mas a observação inicial e a posterior leitura da documentação disponível deixaram-me impressionado.

Constatei que a iniciativa vem se ampliando e começa a repercutir na comunidade regional. Barreiras antes existentes como, por exemplo, a oposição de um dirigente educacional ao projeto, justificando-a com o benefício gerado para a empresa editora dos jornais que circulam na região, começam a ser superadas. Por mais que o Grupo Editorial Vae dos Sinos venha a lucrar com a conquista de novos leitores para os seus jornais, é indiscutível que a ampliação do público leitor naquelas comunidades influirá sem dúvida no seu desempenho cultural e político. E beneficiará também outros segmentos da indústria cultural: os editores de livros, de revistas e de fascículos. Tanto assim que as novas lideranças educacionais do interior gaúcho, fortalecidas pelos ventos democratizantes da Nova República, oferecem seu apoio à iniciativa, mesmo sabendo que a empresa editora dos jornais regionais poderá vir a se beneficiar imediatamente.

Outra impressão que retive é a seguinte: o processo da leitura permanente e continuada (mesmo que o PRÓ-LER se rotule a-ideológico) suscita um interesse pelo conhecimento aprofundado da atualidade. E tornará os cidadãos mais exigentes no tocante à qualidade da informação que recebem cada dia. Dá-lhes a sensação integral de que o manejo da informação corrente faz parte do exercício do poder. E os habilita portanto a atuar competentemente e decididamente na vida da comunidade.

Basta isso para justificar iniciativas como o PRÓ-LER e recomendar a sua disseminação e reprodução em outras regiões brasileiras.